

O NÓ DA DROGA

Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues

A ausência de antagonismos mais evidentes no dito mundo globalizado, cria, além das unanimidades retumbantes, alguns embaraços. Dentre outros, a falta de outros que possam ser “saddanizados”, êmulos, adversários, que sustentem a luta que lhes sustentam, reflexamente. Talvez, por conta dessa demanda, há cerca de seis meses, o sr. Clinton declarou guerra à “heroína”, significante antecipatório, apontando a empresa vã e inglória.

A abordagem que privilegia uma perspectiva objetiva, impõe uma sequência infinita de declarações de guerra, porquanto infinitos, lábeis, mutantes e plásticos, os objetos; além de modernos e pós-modernos. À propósito, faz pouco, escutei tocante e lacrimoso depoimento de alguém, com a vida despedaçada, lutando para “curar-se” de uma adição à internet e escuto, em contra-ponto, manifestações, cada vez mais frequentes, que defendem medidas proibitivas, de restrição e controle à rede de computadores.

“Amantes, queremos ao mesmo tempo esperar e temer; É insensível aquele que ama, ao que outrem consente” (Ovídio, nos Amores). O objeto com atributos, qualidades, caminho irrefreável para o desejo, daí partilhável entre sujeitos, avaliável, é ilusão ironizada por Aristófanes, situada na aporia por Sócrates e desfeita por Spinoza, na Ética: “O objeto é desejável, não porque é desejável, mas porque é desejado.”

À queda do objeto, a subjetivação. Nessa perspectiva vamos nos valer do nó borromeano, no dizer de Lacan, o um que é três, formado por três anéis, para falar da estrutura desse sujeito. O primeiro anel, o Imaginário, lugar do signo, do sentido, mundo feito à nossa imagem e semelhança. Há um sujeito aí, “um” unificante, que não quer ser dois, o eu, do amor, amor que segundo Freud, “Se esforça para tornar o eu e o objeto amado um só, por abolir todas as barreiras espaciais entre eles”. É ainda lugar do corpo, corpo imaginário.

O segundo anel, o Simbólico, lugar do significante, campo da linguagem e da palavra do sujeito. O que aí habita, “um” entre outros, distintivo, que se constitui “não sendo” objeto para o outro. Sujeito do desejo, sujeito do inconsciente. Ao simbólico pode-se, ainda, chamar de morte, por sua relação com a falta e a castração.

Por fim, o terceiro anel, o Real, o que não é nem Simbólico nem Imaginário; o que resta,

lugar do trauma Freudiano, poderia, ainda, ser pensado como o real do corpo, pulsão. O sujeito aí implicado, seria o sujeito acéfalo da pulsão. Vida.

No centro da estrutura, guardando relações com o Real, com o Simbólico e com o Imaginário, Lacan localiza o objeto a, que é o objeto parcial Freudiano, objeto da pulsão. Não natural, redondo neste ponto, por seus bordos com os três registros. Na dependência de sua presença/ausência, o objeto possui duas valências. Uma vez presente o “mais gozar”, quando ausente, quando falta, objeto “causa do desejo”. À partir daí, um outro sujeito, o sujeito do fantasma.

Esta estrutura do sujeito, implica quatro sujeitos, além de um quinto, no dizer de Isidoro Vegh, o sujeito da estrutura.

Um passo a mais. A área comum entre o Imaginário e o Simbólico é o lugar do sentido, sentido que o Imaginário, ao recobrir o Simbólico, dá ao mundo. Sentido insuficiente, mas necessário.

No espaço de intersecção Simbólico/Real, localiza-se o gozo fálico, aquele que pressupõe castração. Articulado ao campo da linguagem, daí submetido às suas leis, isto é, incompleto. Sempre resta algo.

Por último, onde o Real e Imaginário se confundem, habita o gozo do Outro, gozo de um Outro completo. Gozo que não existe, uma vez que não há um outro completo, no entanto, segundo Lacan, “É inexistente, mas não inoperante”. Essa, a ilusão de completude, a que me referi no início do trabalho, completar o outro. O neurótico sonha em ser, o psicótico é e o perverso se oferece a.

O neurótico, em sua atitude ambivalente em relação à castração e ao gozo do Outro, lança mão, para não se deparar com a falta, de três barreiras, quais sejam: no nível do sentido, os bens, prosaicos, necessários. No gozo fálico, pelo que ele representa de laço social, de perder parte do gozo em função dos outros, restrição, é o pudor. Por fim, a beleza, a terceira barreira, onde o Imaginário penetra no Real, diferente dos bens, não articulada à necessidade, mas ao desejo.

Onde e como situar, como e onde operar, na estrutura, até então proposta, a dependência. Em observações clínicas, parcas, é verdade, dois aspectos me chamam a atenção: a angústia e a inibição. Voltando ao nó, ocorre que, quando os bens se exarcebam, determinando uma invasão do Imaginário sobre o Simbólico, resulta numa inibição. Por outro lado, ao imiscuir-se no Real, o Simbólico provoca uma ostentação de gozo fálico, queda do pudor, produzindo o sintoma. E se

há, uma irrupção do Real no Imaginário, por fracasso da beleza, do êxtase, sobrevém a angústia, conceituada por Freud, como angústia de castração e articulada por Lacan, como do campo do Outro, completo, não castrado.

Sentido, bens, inibição

GO, pudor, sintoma

GO, beleza, angústia

Oscilação angústia/inibição, vai e vem, bate e volta. A angústia, invasão Real no Imaginário, tem como resposta um exagero do Imaginário no Simbólico, acarretando a inibição. Quanto ao objeto, denuncia o caminho traçado, ao revelar a indigência de sua borda simbólica. Por um lado, “mais gozar”, em sua face imaginária, se empanturrar, excesso, daí inibição. No dizer de um sujeito, “estou travado”.

O Nó da Droga

4

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

